

YVONNE A. PEREIRA

RESSURREIÇÃO E VIDA

Pelo Espírito
LÉON TOLSTOI





SUMÁRIO

Introdução	7
Apresentação	13
1 – O reino de Deus	15
2 – A lição materna	29
3 – O sonho de Rafaela	39
4 – O sonho do <i>Startsi</i> (Parábola)	45
5 – O discípulo anônimo	65
6 – Ressurreição e vida!	85
7 – O paralítico de Kiev	105
8 – O segredo da felicidade	183
<i>Primeira Parte</i>	183
<i>Segunda Parte</i>	225
<i>Terceira Parte</i>	248
<i>Quarta Parte</i>	273
Conclusão	319





INTRODUÇÃO



Este volume será a contribuição do meu amor às comemorações do centenário de *O evangelho segundo o espiritismo*, organizado por Allan Kardec sob orientação dos Espíritos prepostos pelo Senhor para a reeducação da humanidade. Beneficiária que sou desse compêndio admirável, em suas páginas encontrando roteiro generoso para os trabalhos de reabilitação espiritual que me cumpria, aqui deponho o meu testemunho de respeito e veneração às sábias entidades que o inspiraram e à memória de Allan Kardec, o nobre codificador do Espiritismo.

Não desconheço, entretanto, a grande responsabilidade que assumo, perante Deus e os homens, apresentando este livro ao público e atribuindo sua autoria a uma individualidade das mais eminentes que a Terra tem hospedado em suas sociedades, isto é, ao Espírito Léon Tolstoi. No entanto, eu o faço sem temor porque tão convencida estou dessa realidade que não vacilo na atitude que tomo.

Jamais tive a pretensão de supor que semelhante entidade pudesse vir até mim para ditar um trabalho mediúnico. Não o desejei sequer. Nada pedi, como jamais pedi aos amigos espirituais, que me honraram com seus ditados literários. Nem mesmo me detinha a pensar em Léon Tolstoi. Nunca lera um único livro de sua autoria, e de sua importante bagagem literária eu apenas tinha conhecimento de uma transcrição existente em *Os milagres do amor*, de O. S. Marden, o qual, com palavras



Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

próprias, narra o conto “Jesus e o aldeão russo” daquele escritor. Não obstante, em junho de 1961, tive, por assim dizer, a maior surpresa de minha vida de espírita quando, durante a noite, notei que uma entidade amiga vinha buscar meu Espírito para algo que no momento não pude prever. Segui-a de boa mente, presa de encantamento sedutor, irresistível. Não foi possível recordar integralmente o que se passou então. Lembro-me, porém, com certeza absoluta, que caminhando ao seu lado me vi tratada com polidez principesca, uma afetividade comovedora. Reconheci na entidade o grande “apóstolo russo”, como é chamado, mas tal coisa, assim em Espírito, não me atemorizou, não me surpreendeu, nem sequer me admirou. Mantive-me naturalmente, como se fôssemos antigos conhecidos. E ele disse:

— Desejava escrever algo ao mundo terreno, por seu intermédio...

Então, sim, admirei-me, e como que um vago temor sobressaltou-me. Num relance, passou por meu entendimento a dificuldade do feito: um escritor de tal renome, russo, sem grandes afinidades comigo, pois nem mesmo conhecia uma única obra sua... Ainda se fosse Victor Hugo, que nos é familiar, ou algum outro francês...

Ele, porém, prosseguiu:

— Desejo escrever, mas quero regionalismo russo.

Proteste, sem temor:

— Não será possível... O regionalismo é sempre difícil, mesmo para o feito mediúnico...

— Não no seu caso... — respondeu docemente — pois saiba que teve uma existência na Rússia... embora no momento esteja esquecida... Encontrei no seu subconsciente o cabedal necessário... Peço-lhe confiança...





Ressurreição e vida

Também essa revelação não me admirou. Conheço bastante a Revelação Espírita para não duvidar da possibilidade de havermos existido em qualquer parte da Terra, ontem ou remotamente. Não tenho maior ou menor simpatia por aquele país do que por outro qualquer. A Terra toda é grata ao meu coração e eu viveria de boa vontade em qualquer país, segundo creio, não conservando preconceitos contra nenhum deles. Respondi-lhe após, sinceramente:

— Se for da vontade de Deus, meu irmão, então estarei às vossas ordens, com todo o meu coração, pronta às disciplinas necessárias e a qualquer sacrifício. Dai-me, pois, as vossas ordens...

Levou-me então à sua pátria. Vi-me vagando a seu lado pelas ruas de Moscou (a antiga Moscou imperial, da época em que ele próprio viveu), em São Petersburgo e várias outras cidades cujos nomes me são desconhecidos; pelas aldeias e lugarejos. Mostrou-me e explicou-me mil coisas, de que não conservei lembrança. Fez-me examinar indumentárias masculinas, trajadas por personagens que se encontravam sempre à mão. Mostrava-me mangas e punhos de blusas masculinas, botas, tipos de calçados, interiores domésticos, utensílios como o samovar, aparelho onde se prepara a água para o chá, de que eu nunca ouvira falar antes; mostrou-me fachadas de residências nobres com seus parques sugestivos, e também as residências humildes das aldeias, a que chamou *isbás*.¹ E depois, amavelmente, disse ainda:

— Agora lhe mostrarei o outono em minha terra. Como é poético!...

E com efeito, um panorama belíssimo, com um pôr de sol nostálgico, quando já se sentia frio; o céu cinzento-azulado, com reflexos róseos; as folhas se desprendendo das árvores e rodopiando no ar, caindo de encontro a janelas fechadas, de várias casas senhoriais, tocou-me a sensibilidade e um sentimento intraduzível, misto de atração e nostalgia

¹ N.E.: pequena casa de madeira muito usada na Rússia, para os homens do campo.





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

profunda, sucedeu-se em meu espírito. Tão forte fora a sugestão por mim recebida, ou a “recordação” extraída do meu subconsciente, que cheguei a ouvir o rumor do vento e das folhas que se despegavam das árvores para tapetarem o chão..

E a entidade tornou a dizer docemente:

— Vejamos agora o inverno...

Então, planícies geladas se sucederam, tempestades de neve, granizo; e habitações, e ruas, e estradas, e jardins e parques cobertos de neve, todo o panorama detalhado do que possa ser o inverno na Rússia surgiu à minha vista com particularidades que seria longo enumerar. Caminhávamos, entretanto, e tão real era a visão, ou o que quer que seja, que eu ouvia os passos do meu acompanhante rumorejando sobre a neve, que rangia sob seus pés.



Um convívio doce e afetuoso seguiu-se então entre os nossos Espíritos, a partir dessa data. Desse convívio, uma impressão terna, gratíssima, eu conservo: a impressão de que meus pecados mais graves foram perdoados por Deus, porque recebi a graça de ter podido conviver espiritualmente com a alma de um santo.



Seis meses depois do primeiro encontro, sem que eu estivesse preparada, pois tencionava terminar outro trabalho que tinha em mãos, apresentou-se ele subitamente e ditou, pela psicografia, de uma única arrancada, *O sonho de Rafaela*, que aqui figura em terceiro lugar, o primeiro dentre dois trabalhos sem referências à Rússia. E ao terminar exclamou auditivamente:

— Foi para decidi-la de uma vez... e ver como será fácil, pois sei que desconhece também assuntos piemonteses...

E, realmente, embora o ditado se verificasse tão só psicograficamente, desacompanhado das visões a que me habituei com as demais



Ressurreição e vida

entidades com quem tenho trabalhado, foi esta a obra que mais fácil se me tornou captar do Além-túmulo. Entrego-a, pois, ao público, esperando que ela reconforte os corações sedentos de esperança, para satisfação da nobre alma de apóstolo que amorosamente ma concedeu.

YVONNE A. PEREIRA



Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1964.





APRESENTAÇÃO

Sejam estas páginas, extraídas de um sincero desejo de ser útil, o testemunho da minha solidariedade aos homens, meus irmãos perante Deus. Que eles saibam que no dia em que o túmulo se fechar sobre o corpo inerte de um homem raiará, para sua alma, nova era de um destino imortal.



Que se estanquem as lágrimas da saudade à beira das sepulturas; que serene o desespero no coração das mães diante do esquife de um filho que não mais sorri; que se levante a fronte do ancião, cujo desânimo só tem a morte por finalidade. Para aquém do túmulo existe, é real, é infinitamente mais intensa e positiva, a vida com que o Criador nos dotou, vida que nos cenários terrenos tão curta e tão angustiosa nos parece! O ser humano sobrevive em Espírito, em inteligência e vontade, após a corrupção da morte, que nada mais é do que a transição de um estado anormal — o de encarnação — para o estado normal e verdadeiro — o espiritual!

Se um só dos prováveis leitores destas páginas conseguir acalantar dores e dirimir dúvidas quanto ao importante assunto da imortalidade da alma humana, certificando-se da verdade que há milênios se tenta testemunhar, dar-me-ei por bem recompensado das dificuldades que precisei arredar a fim de ditá-las. Se apenas um, dentre eles, sentir que seu coração nelas se inspirou para a procura dos santos ensinamentos cristãos, exultarei de alegria, louvando o Senhor por me haver concedido ensejo de ser útil ao meu próximo. E se um só adepto da Revelação



Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

Espírita — à qual hoje tributo respeito e admiração — entender que contribuí, com pequena colaboração, para a sementeira dos vastos campos que ela será chamada a cultivar, terei a consciência reconfortada pela certeza de que cumpro um sacrossanto dever.

Mas escrevo apenas para os pobres, os simples e os sofredores. Sei que somente eles me compreenderão e aceitarão. Dou-lhes, pois, o meu testemunho de imortalidade além do túmulo. Que esse testemunho seja motivo de paz, alegria e fraternidade para os que me lerem, são os votos que aqui deixo.

L. T.

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1962.





1

O REINO DE DEUS

Tendo-lhe feito os fariseus esta pergunta: “Quando virá o reino de Deus?” Respondeu-lhes Jesus: “O reino de Deus não virá com mostras exteriores. Nem dirão: Ei-lo aqui; ou: Ei-lo acolá. Porque eis que o reino de Deus está dentro de vós”.

(LUCAS, 17:20 e 21.)

E, tendo entrado em Jericó, atravessava Jesus a cidade. E vivia nela um homem chamado Zaqueu, e era ele um dos principais entre os publicanos, e pessoa rica. E procurava ver Jesus, para saber quem era, mas não o podia conseguir, por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura. E correndo adiante subiu a um sicômoro para o ver, porque por ali havia Ele de passar. E quando Jesus chegou àquele lugar, levantando os olhos, ali o viu, e lhe disse: “Zaqueu, desce depressa, porque importa que Eu fique hoje em tua casa”. E desceu ele a toda pressa, e recebeu-o satisfeito. Vendo isso, todos murmuravam, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um homem pecador. Entretanto, Zaqueu, posto na presença do Senhor, disse-lhe: “Senhor, eu estou para dar aos pobres metade dos meus bens, e naquilo em que eu tiver defraudado alguém, pagar-lhe-ei quadruplicado”. Ao que lhe





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

disse Jesus: “Hoje entrou a salvação nesta casa, porque este também é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”.

(LUCAS, 19:1 a 10.)

Eu trouxera para a vida do Além o desejo sincero de aprender a amar e servir o meu próximo. Creio mesmo que nos últimos tempos de minha vida intuições protetoras, bondosamente alimentadas por amigos celestes, que se compadeciam do meu pesar por não me haver sido possível ser tão fraterno para com os outros, como o desejara, falavam-me de rumos novos que deveria tomar, bem diversos daqueles que a sociedade viciosa do meu tempo me apontara.

Carreguei para o túmulo esse pesar. E esse pesar se acentuou aquém do túmulo e se transformou em aflição. Em vergonha depois. E em remorso. Compreendi por isso que, além dos umbrais da morte, o mérito que se nos permite é aquele que o amor confere. E eu, que desejara amar, sem realmente ter amado; que fora rancoroso quando devera ser brando de coração; que usara da impaciência e do desdém — quantas vezes?! — onde se recomendariam a ternura e o interesse complacente, entendi que nada sabia, que nada fizera de bom e que urgia reaprender tudo o que uma alma necessita para a reabilitação de si mesma ante o próprio conceito.

Um dia (direi *um dia* para que os homens me entendam, porque nestas plagas espirituais não se poderá expressar assim, visto que se desconhecem os dias e as noites, para somente se integrar a mente no eterno momento), um dia roguei, Àquele que é, a piedade de me proporcionar ensejos de um aprendizado de legítimo amor ao próximo, mas um aprendizado que saciasse a minha alma até as suas remotas fibras, fazendo desaparecer o complexo da ideia do desamor em que me considerava ter vivido.

Pus-me a “passear” pelo Espaço ilimitado, pensativo e compungido, e por vezes recordando meus antigos passatempos pela floresta de





Ressurreição e vida

Iasnaia-Poliana, ao passo que confabulava com a própria consciência, estabelecendo resoluções definidas e programas urgentes.

Havia pouco tempo que abandonara aos vermes aquilo que fora a minha personalidade social humana, a mente, afeita desde o berço às paisagens russas, figurava para si própria os quadros habituais de minha terra natal: estepes geladas a se confundirem com o horizonte, onde o vento soprava levantando a neve, para reuni-la em montículos que se multiplicavam a perder de vista; as aldeias com suas isbás, movimentadas pelo trabalho dos moradores sempre preocupados com suas lides; o gado ruminando à hora do repouso; as camponesas falando ou cantarolando ao recolherem as roupas que secavam ao vento desde manhã; os trenós e as *troikas*² regressando com seus nédios proprietários, bem aquecidos e ainda mais tranquilos sob suas peliças, depois de vencerem 5 ou 8 verstas,³ satisfeitos com os resultados de suas compras e vendas...



Mas de súbito tudo mudou.



Vi-me perdido em campo azul-pálido, lucilante de uma aurora cujo resplendor matizava de doces coloridos a região imensa. E acolá, sentado, meditativo, como a contemplar algo que eu era impotente para também distinguir, entrevi um vulto atraente, cujo aspecto me surpreendeu. Dir-se-ia encontrar-me em presença de um daqueles discípulos do Nazareno, daqueles que, no anonimato, o seguiam em suas idas e vindas pelos contrafortes da Judeia e as planícies de trigo da Galileia.

Reparando de mais perto, e mais atentamente, compreendi que o vulto discursava para a pequena assembleia de ouvintes sentados pelo chão, à sua volta, como de uso no Oriente, e como se concedesse uma entrevista ou uma aula. Em derredor, estendia-se um panorama oriental recordando as descrições bíblicas. Veio-me a impressão de que o tempo

² N.E.: carro conduzido por três cavalos.

³ N.E.: antiga medida russa para distâncias, equivalente a 1,067 km.





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

recuara dois milênios, transportando-me, sem que eu o percebesse, à Galileia da época da peregrinação do Senhor por suas paragens.

A luz da aurora, inalterável, incidia suavemente sobre o grupo e a pradaria em torno, com irradiações de madrepérola esbatendo claros e sombras tão singulares que eu desafio, a todos os artistas que têm passado pela Terra, a reproduzirem em suas telas um só daqueles celestes reflexos que então tive a ventura de contemplar.

Aproximei-me de mansinho do grupo entrevistado, discreto, algo curioso. E me considerei discípulo daquele provável mestre, como os outros que o rodeavam. E eis o que ouvi e presenciei:

— Retornaremos a qualquer momento para nova experimentação terrena, mestre Zaqueu... Fala-nos de ti mesmo, dos tempos apostólicos, das pregações do Nazareno expondo a sua Boa Nova, que provavelmente ouviste... Seria de muito bom proveito que levássemos detidos nas comportas da consciência, algo estimulante, deslumbrador, desse tempo... para que, uma vez nos sentindo novamente homens, pouco a pouco se fossem destilando, pelos escapamentos da intuição, essas lições salvadoras que sabes contar, à guisa de reminiscências levadas deste plano espiritual em que nos encontramos... — rogaram sorrindo os discípulos, todos atraentes personagens, muito agradáveis de ver.

Sobressaltei-me.

“Zaqueu?...” — pensei. — “Mas seria aquele que subiu ao sicômoro, quando o Senhor entrava em Jericó, para vê-lo passar?... Seria aquele em cuja casa Jesus se hospedara? que oferecera ao Mestre um festim, enquanto o reino de Deus fora mais uma vez ensinado aos de boa vontade, entre os convivas?... Seria possível, mesmo, que eu me encontrasse em presença de um Espírito que fora publicano⁴ ao tempo do Senhor, na

⁴ N.E.: cobrador de rendimentos públicos, na Roma antiga e países submetidos por ela. Os judeus desprezavam os próprios compatriotas que se permitiam servir ao Império Romano, que então dominava Israel.





Judeia; que viesse a conhecer alguém que, por sua vez, houvera conhecido a Jesus Cristo?...”

Excitado, aproximei-me ainda mais. Pus-me à sua frente, sentado como os outros, a olhar para ele.

Ao que observava, aquela sociedade retratava uma democracia modelar, superior em moral e fraternidade mesmo à que eu sonhara outrora para a Rússia e o mundo, nas horas de desesperança, quando observava o mal perseguindo o bem, a força dominando o direito, a treva sobrepondo-se à luz. Eu chegava ali sem credenciais, sem apresentações. Sentava-me entre todos, confiante, como se compartilhasse benefícios da casa paterna entre irmãos. Imiscuí-me para junto do mestre que discursava e ninguém me censurava a impertinência, não me pediam satisfações pela intromissão. Mais tarde eu soube que, se tal acontecia, era devido a mera questão de afinidades. Somente o fato de havermos todos gravitado para aquele plano valeria pela credencial, que outra não era senão aquela mesma. Quem estivesse ali, estava porque poderia e deveria estar. Mais nada. Eu estava ali. Devia estar. No Além não existem dubiedades nem meias medidas. O que é, é! E era por isso que ninguém me enxotava de junto do mestre que discursava. Eu tinha direitos de estar junto daquele mestre. E estava.

Olhei-o, àquele a quem haviam chamado Zaqueu. Semblante sereno, bondoso, enternecido, ainda jovem. Olhos cintilantes e perscrutadores, como alimentados por uma resolução invencível. Lábios finos, queixo estirado, com pequena barba negra em ponta, recordando o característico fisionômico dos varões judaicos. Tez alva, sobrancelhas espessas, mãos pequenas, pequena estatura, coifa discreta, listrada em azul forte e branco, manto azul forte, barrado de galões amarelos e borlas na ponta — eis a materialização do homem que teria sido, há dois mil anos, aquele Espírito que assim mesmo se apresentava a seus ouvintes do mundo espiritual, disposto a cativá-los por meio da “regressão da memória” a essa personalidade remota que tivera sobre a Terra.





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

Confesso que durante meus antigos estudos sobre o Evangelho nutria grande simpatia por essa personagem que vemos, nas páginas santas, admiradora incondicional de Jesus, dotada de inclinações generosas a serviço do próximo, desejando repartir entre a pobreza parte da própria fortuna, desinteresse raro em qualquer tempo, sobre a Terra. Eu a entrevia, então, pelos versículos de *Lucas*, um caráter profundamente terno, simples, um idealista disposto ao auxílio aos semelhantes, não obstante tratar-se de pessoa que, embora poderosa e influente na localidade em que vivia, como chefe dos cobradores de impostos que era, se via, por isso mesmo, repelida e moralmente estigmatizada por aquela sociedade preconceituosa. E foi com o coração excitado por todos os raciocínios consequentes de tais lembranças que a ouvi atender à solicitação dos discípulos:

— A bondade do Mestre galileu, honrando-me com uma visita e uma refeição em minha casa, eu, um renegado pela sociedade porque um publicano, tocou-me para sempre o coração, meus amados, conforme sabeis... — ia ele dizendo. — Ele compreendeu as minhas necessidades morais de estímulo para o bem, o meu aflitivo desejo de ser bom. Penetrou, com sua solicitude inesquecível, os mais remotos escaninhos do meu ser moral; contornou, com seu amor de arcanjo, todas as aspirações do meu Espírito, filho de Deus, que sofria por algo sublime que lhe aclarasse as ações... E conquistou-me assim, por toda a consumação dos séculos...

“Muito sofri e chorei quando esse Mestre foi levantado no suplício da cruz. Não, eu não o abandonei jamais, desde aquele dia em que passou por Jericó! Segui-o. E o pouco que ainda viveu depois disso teve-me em suas pegadas para ouvi-lo e admirá-lo. Eu não me ocultei das autoridades, receando censuras ou prisão, nem tive preconceitos, e tampouco me importunou a vigilância dos tiranos de Roma ou o despeito dos asseclas do Templo de Jerusalém. Achava-me bem visível entre o povo, transitando pelas ruas, embora ignorado, humilhado pela minha condição de funcionário romano... e assisti aos estertores da agonia sublime, naquela tarde do 14 de Nisan... Soube, é certo, da ressurreição que a todos revigorou de esperanças... Mas não logrei tornar a ver e ouvir o Mestre, não fui bastante





merecedor dessa ventura imensa... Ele só se apresentou, depois da ressurreição, aos discípulos — homens e mulheres — e aos Apóstolos...

“Inconsolável por sua ausência e sentindo em mim um vazio aterrador, meu recurso para não desesperar ante a saudade e o pesar pelo desaparecimento desse Amigo incomparável foi insinuar-me entre seus discípulos, a fim de ouvir falarem dele...

“Fui a Betânia, quantas vezes?!... e tentei tornar-me assíduo da granja de Lázaro, de tão gratas recordações... Mas tudo ali estava tão mudado e tão triste, depois do 14 de Nisan...

“No entanto, ali, na granja de Lázaro, sob o frescor das figueiras viçosas que Marta plantara; à luz do luar, junto das oliveiras que farfalhavam docemente, ao impulso das virações que desciam do Hermon; no próprio pátio onde rescendiam os lírios que Maria plantara, perdido entre o anonimato dos forasteiros que acorriam a Betânia quando ali o sabiam hospedado, eu ouvira pregações do Mestre pouco antes da sua morte, saciando-me até a alegria e o deslumbramento com as palavras daquela doutrina que Ele concedia ao povo, o qual ignorava que a dois passos se ergueria a cruz, arrebatando-o da nossa vista...

“Visitei Pedro, esperando consolar a minha grande dor ouvindo-o dissertar sobre aquele que se fora do alto do Calvário, com a eloquência com que sempre soube arrebatá-lo as multidões.

“Perlustrei, choroso e desarvorado, as praias de Cafarnaum e de Genesaré, sem saber o que tentar em meu próprio socorro, mas esperançado de que os irmãos Boanerges, filhos de Zebedeu, me compreendessem e adotassem para discípulo do seu bando, como eu via que acontecia a tantos outros...

“Mas nenhum deles sequer prestava atenção em minha insignificante pessoa... Não me olhavam, não me viam, e eu temia importuná-los dirigindo-lhes a palavra... Eram tantos os pretendentes ao aprendizado





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

do amor, ao redor deles! Eles tinham tantas preocupações, preparando-se chocados, para o heroico apostolado!... E como eu era publicano, um malvisto cobrador de impostos da alfândega romana, convenci-me, erroneamente, de que era por isso que não me recebiam, não obstante saber que entre os doze principais havia também um publicano, o qual fora diretamente convidado pelo próprio Nazareno...

“Recolhi-me então à minha mágoa imensa, sem, todavia, deixar de seguir, discretamente, os Apóstolos, orando para que não tardasse o socorro a vir fortalecer a fé e a esperança que eu depositava naquele Reino de Deus que havia de vir, Reino cujas leis me fora dado entrever do verbo e das ações do próprio Messias esperado pelos homens de Israel.

“Recolhi-me, mas não desanimei.

“Continuava percebendo que aquele amor que, um dia, não se diminuía em visitar minha casa, sentar-se à minha mesa e repousar sob o meu teto, continuava incentivando-me, prolongando suas atenções em torno dos meus passos. No fim de pouco tempo, de tanto ouvir as pregações dos seus Apóstolos e dos outros setenta — fosse pelas sinagogas, aos sábados, pela praias e praças públicas ou pelos domicílios domésticos dos santos,⁵ então frequentados pelos outros santos — eu aprendera os pormenores da doutrina já exposta pelo Senhor.

“Por esse tempo, eu deixara Jericó, desligara-me das funções aduaneiras, dera parte dos meus bens aos pobres, conforme prometera a Jesus, provera, com a outra parte, recursos para minha família, distribuía minhas terras entre os camponeses mais necessitados, reservando o estritamente necessário à minha manutenção pelos primeiros tempos. Fizera-me errante e vagabundo para acompanhar os discípulos e ouvi-los contar às multidões as conversações íntimas que o Senhor entretivera com eles, antes do Calvário e depois da gloriosa ressurreição.

⁵ N.E.: os primeiros cristãos assim se denominavam uns aos outros.





Ressurreição e vida

“Como eu conhecesse bem as letras e as matemáticas, falando mesmo o grego, tão usado em Jerusalém, e também o latim, igualmente usado graças à influência romana, à parte os nossos dialetos da Síria, da Galileia e da Judeia, se me escasseavam recursos apresentava-me às escolas mantidas pelas sinagogas. Empregava-me ali como adjunto dos escribas, para as lições aos jovens, ou então nas casas particulares ricas, como professor, e assim ganhava meu sustento. Se não houvesse lições a transmitir era certo que nunca faltariam madeiras a serrar, aqui ou ali; águas a carregar, a fim de saciar a sede das famílias; paredes a reparar nas casas dos romanos, os quais, se eram agressivos no trato pessoal com o povo hebreu, sabiam, no entanto, remunerar com justiça aqueles que os serviam, desde que não se tratasse de escravos.

* * *



“Um dia — foi em Jerusalém — corra a nova sensacional de que certo jovem fariseu, responsável pelo apedrejamento e morte do nosso querido Estevão, a quem o Espírito do Senhor inspirava com tantas glórias, acabara por se converter à Causa, porque o Senhor lhe aparecera em ressurreição triunfante, exatamente quando ele entrava na cidade de Damasco, para onde se dirigia tencionando prender os nossos santos domiciliados naquela localidade. Aparecera-lhe o Senhor e convidara-o diretamente para o seu ministério, como o fizera aos outros doze, antes de sua paixão e morte. E que, agora, já inteiramente submisso aos desejos do Mestre Nazareno, com tremendas responsabilidades pesando-lhe nos ombros, conferidas pelo mesmo Mestre, pela primeira vez ia falar à assembleia dos discípulos, em Jerusalém, narrando o que se passara.



“Fui ouvi-lo.

“Esse fariseu era Saulo (Saul), o de Tarso, “que é também chamado Paulo”.⁶

⁶ N.E.: Aros, 13:9.





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstoi

“Contou ele, à assembleia silenciosa e atenta, o seu colóquio com o Nazareno, à entrada de Damasco, e logo conquistou o coração de muitos que se achavam presentes. Foi de pé (alguns se ajoelharam) que ouvimos os pormenores da aparição do Senhor a Paulo, e a conversa que tivera com ele mesmo, Paulo, e a sequência dos acontecimentos que envolveram Ananias, um dos nossos amados santos de Damasco.⁷ Muitos choraram, eu inclusive, e também Paulo.

“Se, no entanto, essa aparição fez a redenção de Paulo, de certo modo contribuiu para minha definitiva estabilidade na doutrina do Mestre, porque daquele dia em diante tudo se modificou em minha vida.

“Nunca mais deixei Paulo, até hoje!

“Procurei-o então, em Jerusalém. Fui recebido com afeto e bondade. Fiz-lhe a minha confissão, o que não tivera coragem de fazer aos demais discípulos. Narrei-lhe os meus sofrimentos íntimos por Jesus. Quisera servi-lo, a Ele, Jesus. Sinceramente o queria! Mas não sabia como iniciar nem o que fazer.

“Pelo amor de Jesus, Paulo ouviu-me com solicitude digna daquele mesmo Mestre que o admoestara em Damasco. E aconselhou-me, e guiou-me!

“Desse dia em diante, em vez de apenas ouvir as pregações sobre a doutrina do Senhor e meditar sobre ela, pus-me a trabalhar também, por amor do mesmo Mestre, sob orientação de Paulo, que, como aquele, não desprezava publicanos. Ele deu-me incumbências:

“ — Não te limites à adoração inativa, que poderá cristalizar-se em fanatismo. A doutrina de Jesus é afanosa por excelência... E Ele precisa de servos trabalhadores, enérgicos, ágeis para mil e uma peripécias, de boa

⁷ N.E.: Atos, 9:1 a 31 (Conversão de Saulo).





vontade para a propagação da Verdade que nos trouxe... Tu, que possuis noções da prática da beneficência, porque já a havias mais ou menos praticado antes do teu encontro com o Mestre, testemunha o teu amor por Ele, servindo também aos teus irmãos que sofrem ou erram, pois tal é o segredo da boa prática da nova doutrina. Nenhum de nós será tão pobre que não possa favorecer o próximo com algo que possua para distribuir: o pão, o lume, o agasalho, o bom conselho, a advertência solidária, a assistência moral no infortúnio, o ensinamento do bem, a lição ao ignorante, a visita ao enfermo, o consolo ao encarcerado, a esperança ao triste, o trabalho ao necessitado de ganhar o próprio sustento honrosamente, a proteção ao órfão, o seu próprio coração de amigo e irmão em Cristo, a prece rogando aos Céus bênçãos que aclarem os caminhos dos peregrinos da vida, o perdão àqueles que nos ferem e nos querem mal...

“De tais conselhos fiz, então, o meu lema.



“Em vez de só ouvir falar do Mestre, pus-me a falar, eu mesmo, dele e da sua doutrina, que teoricamente eu já conhecia bastante; dos seus atos, das maravilhas que operara por entre os doentes, os pecadores e os desgraçados, pois eu o conhecera, estava devidamente informado a seu respeito. E, se não curei leprosos, estanquei a aflição de muitas lágrimas com exposições a respeito dele. Se não levantei paralíticos, pelo menos ergui a coragem da fé em muitos corações desanimados ante a incúria pelas coisas santas. Se não expulsei demônios, é certo que alijei o ateísmo, recuperando almas para o dever com Deus. E se não ressuscitei mortos, renovei esperanças na alma de muitas matronas desgostosas com a indiferença dos próprios filhos na prática do bem, revigorei a decisão de muitos pecadores que temiam procurar o bom caminho, porque envergonhados de se apresentarem a Deus, pela oração, a fim de se renovarem para jornadas reabilitadoras. E, assim, minha alma se alegrava em Cristo, dilatavam-se os meus propósitos de progresso... E eu sentia que, de dia para dia, quando orava, mais incidiam sobre mim forças e novas bênçãos para mais me desdobrarem em operações objetivas, que tendiam a me fazer comungar com a vontade





Yvonne A. Pereira / Léon Tolstói

daquele Unigênito dos Céus, que um dia penetrou os umbrais pecaminosos de minha casa para me levar a salvação.

“E encontrei, então, dentro de mim próprio, aquele reino de Deus que Ele anunciara... Encontrei-o na paz do dever cumprido, que me embalava o coração...”

Eu ouvia, embevecido, a empolgante exposição daquele Zaqueu, cujo nome, no Evangelho, atraía as minhas simpatias, mas a quem as referências são mínimas, no Livro Santo. Mas acontecia que a força mental do humilde discípulo do Nazareno distendera em torno um círculo de luz fulgurante, o qual nos envolveu a todos, e nos levou a vibrar com ele, e nos dominou a vontade, submetendo nossas vontades à vontade dele próprio, nosso pensamento ao seu pensamento, nosso sentimento ao seu sentimento, nosso raciocínio ao seu raciocínio, tal se, completamente mergulhados nas ondas das suas irradiações, ficássemos à sua mercê para lhe obedecermos às sugestões. Era a “faixa vibratória” dele mesmo, onda transmissora do pensamento, capaz dos mais belos feitos psíquicos, que nos atingia e dominava. Então, o mais edificante foi que o pensamento de Zaqueu e suas recordações, revividas nos haustos de uma expansão solene, criaram novamente os fatos passados e nos deram a presenciar com ele tudo quanto era narrado. Seguimo-lo, assim, em suas idas e vindas atrás dos discípulos do Cristo. Presenciamos suas silenciosas lágrimas, seus sofrimentos ante a dificuldade em iniciar o ministério do bem, expandindo objetivamente o que já existia no íntimo do seu coração. Com ele vagamos chorosos, pelas praias de Cafarnaum, recordando as prédicas sublimes que não mais se ouviam, mas às quais os discípulos nunca deixavam de se referir durante as exposições da Boa Nova para o povo... E, desse modo, quantas vezes com ele subimos o Calvário, sob a nostalgia do crepúsculo, vendo-o chorar, sozinho e sofredor, a saudade daquele que ali expirara para legar ao mundo o patrimônio do amor! E aprendemos com ele, vendo-o agir, como se pratica o verdadeiro bem, como se estancam as lágrimas da desgraça e se recupera o pecador para o dever, ocultamente, silenciosamente, sem os alardes da vaidade nem os





Ressurreição e vida

elogios da História, fiel a um ministério santo, incansável, em torno das criaturas sofredoras, pelo amor de Jesus Cristo...

* * *

Foi esse um dos mestres que encontrei aquém do túmulo. Seus ensinamentos, os exemplos de ternura em favor do próximo, que me deu, revigoraram minhas forças. Sob seus conselhos amorosos orientei-me, dispondo-me a realizações conciliadoras da consciência.

E se tu, meu amigo, desejas encontrar aquele reino de Deus de que Jesus dá notícias, ama os desgraçados! Cada lágrima que enxugares em seus olhos, cada conselho bom que dispensares ao pobre desarvorado da vida é mais um passo que darás em direção a esse reino que, finalmente, encontrarás dentro do teu próprio coração, que assim aprendeu o cumprimento da suprema Lei: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo...⁸

⁸ N.E.: MATEUS, 22:37 a 39.



